A DEMOCRACIA EM CRISE

Ruptura: *a crise da democracia liberal* (Manuel Castells)

Editora Zahar - 2018

Karla Ulman

1. Sobre o autor.

- Espanhol, nascido em Hellín, município da província de Albacete, na comunidade autônoma de Castilla La Mancha.
- Iniciou seus estudos em Direito e Ciências Econômicas na Universidade de Barcelona (1958) aos 16 anos.
- Exilado pelo regime franquista em 1962.
- Licenciado em Direito e Economia Política pela Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Universidade de Paris (1964).
- Diretor de investigação de Sociologia de Cambridge, professor da Universidade do Sul da Califórnia, de Berkeley e da Universidade Aberta da Catalunha.
- Investigação científica sobre a teoria marxista, o capitalismo, os costumes de consumo, a comunicação e o impacto nas relações humanas.

2. Sobre a obra.

Objeto. O livro Ruptura com 152 página e 5 capítulos trata das causas e consequências da ruptura global entre cidadãos e governos e da crise da democracia liberal (segundo o Autor uma tábua de salvação para superar naufrágios históricos de guerras e violência).

Solução. Castells não apresenta soluções para o problema em sua obra, embora notifique o leitor que "se a crise política que constato tem uma dimensão global, acima das características próprias de cada sociedade, teremos de pensar que se trata do colapso gradual de um modelo de representação. Um colapso que, se acentuado, nos deixaria por ora sem instrumentos legítimos para resolver coletivamente nossos graves problemas..."

Democracia. A democracia liberal pressupõe "respeito aos direitos básicos das pessoas e aos direitos políticos dos cidadãos, incluídas as liberdades de associação; reunião e expressão, mediante o império da lei protegida pelos tribunais; separação de poderes entre Executivo, Legislativo e Judiciário; eleição livre, periódica e contrastada dos que ocupam os cargos decisórios em cada um dos poderes; submissão do Estado, e de todos os seus aparelhos, àqueles que receberam a delegação

do poder dos cidadãos; possibilidade de rever e atualizar a Constituição na qual se plasmam os princípios das instituições democráticas; exclusão dos poderes econômicos ou ideológicos na condução dos assuntos públicos mediante sua influência oculta sobre o sistema político."

Poder. A democracia se constrói em torno das relações de poder social que a fundaram e vai se adaptando à evolução dessas relações, mas privilegiando o poder que já está cristalizado nas instituições. Por isso não se pode afirmar que ela é representativa, a menos que os cidadãos pensem que estão sendo representados. Porque a força e a estabilidade das instituições dependem de sua vigência na mente das pessoas.

Rompimento. Se for rompido o vínculo subjetivo entre o que os cidadãos pensam e querem e as ações daqueles a quem elegemos e pagamos, produz-se o que denominamos crise de legitimidade política; a saber, o sentimento majoritário de que os atores do sistema político não nos representam.

Correção. Em **teoria,** esse desajuste se autocorrige na democracia liberal com a pluralidade de opções e as eleições periódicas para escolher entre essas opções.

Opção. Na **prática**, a escolha se limita àquelas opções que já estão enraizadas nas instituições e nos interesses criados na sociedade, com obstáculos de todos os tipo aos que tentam acessar estes grupos bem-delimitados. E pior, os atores políticos fundamentais, ou seja, os partidos, podem diferir em políticas, mas concordam em manter o monopólio do poder dentro de um quadro de possibilidades preestabelecidas por eles mesmos.

Oligopólio. A política se profissionaliza, e os políticos se tornam um grupo social que defende seus interesses comuns acima dos interesses daqueles que eles dizem representar: forma-se uma classe política, que, com honrosas exceções, transcende ideologias e cuida de seu oligopólio.

Burocratização. Os partidos, como tais, experimentam um processo de burocratização interna, predito por Robert Michels desde a década de 1920, limitando a renovação à competição entre seus líderes e afastando-se do controle e da decisão de seus militantes. E mais, uma vez realizado o ato da eleição, dominado pelo marketing eleitoral e pelas estratégias de comunicação, com escasso debate e pouca participação de militantes e eleitores, o sistema funciona autonomamente em relação aos cidadãos.

Crise de legitimação. Conforme pesquisas realizadas mais de dois terços dos habitantes do planeta sustentam que os políticos não os representam, que os partidos priorizam os próprios interesses, que os

parlamentos não são representativos e que os governos são corruptos, injustos, burocráticos e opressivos.

Peculiaridades. Esse sentimento amplamente majoritário de rejeição à política varia segundo países e regiões, mas se verifica em todas as partes. Em países como a Escandinávia, inclusive, onde a limpeza democrática tem sido uma referência geradora de esperança, já faz algum tempo que a tendência da opinião pública vai no mesmo sentido.

Dados. O Sociólogo Castells trabalha com dados e não opinião (*World Economic Forum, Nações Unidas, Latinovarómetro, FBI*). A média são 2/3 dos cidadãos no mundo e no Brasil desacreditados do processo representativo e no Brasil são mais de 80%.

Casos. Há uma crise de legitimidade mensuráveis em termo de opiniões, atitudes, pesquisas e analisa casos importantes a partir da observação de comportamentos políticos (Trump nos EUA; Brexit; Macron e Espanha). Macron, por exemplo, vem de um centro liberal que ganhou porque as pessoas o apoiaram contra o facismo mas apenas 17 % da população votou por ele. Ocorreu abstenção massiva.

Paradoxo. Governos sólidos com confiança dos cidadãos são extamente aqueles não democráticos: Rússia e China.

Rejeição. Ocorrência de rejeição democrática a democracia liberal.

ICAR. A igreja católica, por exemplo, na América Latina, está em destruição e segundo dados da própria igreja,em 2040, haverá mais evangélicos do que católicos na América Latina. Para Castells isso é fator decisivo na política porque este tipo de agrupamento religioso caracteriza-se por uma atual condição "anti-sistema" e "anti elites tradicionais".

Redes. O discurso contra elites estabelecidas e tradicionais e contra os partidos polticos aparecem de líderes que consigam visibilidade nas redes sociais e não nos meios de comunicação tradicionais.

Vulnerabilidade. Em países estudados por Castells, os meios de comunicação tradicionais geralmente estão contra essas pessoas, porém ganham votos nas redes sociais com expressão mais ampla a partir de maior número de pessoas vulneráveis ao processo da manipulação política, mas em contraposição mais livres, porque os grandes meios tradicionais são controlados por grupos financeiros que os possuem.

Establisment. Não há exatamente na sociedade atual uma crítica entre direita e esquerda mas uma crítica de tudo que está estabelecido (partidos políticos; elites políticas e culturais tradicionais).

Manipulação. Aparece uma ditadura sutil que consiste, através da manipulação de informação e da crítica características da democracia liberal expressar o descontentamento das pessoas com os políticos e a política tradicional. Isso tornam novas pessoas políticos que acabam entrando no governo.

Carisma. Qualquer líder suficientemente apoiado e com carisma ideológico que mobiliza contra partidos tradicionais seja de direita ou de esquerda ganha (e isso vem ocorrendo com um País atrás do outro, continuamente).

Boato. O universo de comunicação dominado pelo boato e pela mentira exige jornalismo profissional mas também apresenta o problema de estar mediatizado pelos interesses financeiros e políticos dos proprietários dos meios de comunicação. O jornalismo profissional é sensível ao poder.Um estado forte tem muitas formas de controlar, reprimir e intimidar.

Estrutura. O que se deve observar é que estes fenômenos estão ocorrendo em contextos diferentes, porém reproduzindo o mesmo processo. Metodologicamente, a questão é estrutural e não apenas o problema pontual de uma um País ou outro (hipótese central).

Comportamento. A construção do comportamento como demonstra a neurociência social é emocional, não racional. Somos animais emocionais e não racionais. Reagimos de acordo com nossas emoções e apenas depois racionalizamos o que queremos.

Vieses. A pessoa assiste a um programa de TV que sabe estar de acordo com o seu próprio pensamento, lê periódicos que sabem estar de acordo com eles, vão as redes sociais para se informar e procuram grupos que estejam de acordo com si mesmos (viés cognitivo de confirmação).

Redes. Ocorre o que Castell denomina autocomunicação de massa; não há monopólio de expressão da opinião; há uma capacidade e difusão total de intervir na galáxia; a pessoa pode fazer seu blog, seu editorial de informações e por isso Castells chama de "auto" e de massas para se referir ao coletivo.

Sistema. Permite que grupos e redes muito mais sofisticadas com mais recursos controlem o debate e consigam com que as pessoas recebam as mensagens que querem receber e que seus cérebros bloqueiam as outras.

Confirmação. A manipulação atual é mais requintada e não consiste em lavagem cerebral mas em ativar certas imagens e certas opiniões que todos temos. Quando há um sistema que tudo vale pode-se duvidar da ciência, pensar que as vacinas são nocivas, que as mudanças climáticas são fatos distantes e tudo o que é ignorância se expressa com mais força e grande capacidade técnica de comunicação num cenário em que as

pessoas não se informam nos grandes meios de comunicação, que agora são puramente de entretenimento.

Valores. Internet é claramente a tecnologia da autonomia e liberdade e ampliou a capacidade de todos humanos de organizar-se e expressar-se. É para todos. Porém, há muitos humanos que não são favoráveis aos grandes valores universais, éticos, morais, democráticos e políticos.

Democracia Ao abrir a caixa de pandora da liberdade de todos se expressarem aparece uma contradição entre liberdade e democracia; quanto mais livres as pessoas menos constrangidas estão com as instituições negociadas e discutidas, e a capacidade de manipulação é a que ganha, não a capacidade de um processo democraticamente estabelecido com todos os limites que há na democracia liberal, mas um processo paralelo que não obedece uma lógica partidária. Os partidos politicos estão colapsados sistematicamente em inúmeros Países da Europa e também piorados em todas as partes, inclusive América Latina

Partidos. O que se pensar em reconstruir a partir de uma situação partidária está fadada ao fracasso porque não tem credibilidade e tão pouco legitimidade. Há necessidade de um compromisso de mudança social e política com valores humanos e universais sem estar adstrito a aparelho partidário, o que é absolutamente indispensável. Sugere, porém sem apontar, novas formas de arranjos democráticos (conforme entrevista de 2019).

Proposta. É muito importante intervir seriamente nos meios de comunicação (entrevistas e outros na TV são secundários). Necessário aprender a debater e informar nas redes sociais porque no século XXI e no futuro em andamento as redes sociais que vão mudar, evoluir e se tornar mais complexas na condição de esfera de comunicação.

Comunicação. Não basta pensar e elaborar porém há necessidade de comunicar. E portanto, a comunicação é o mais importante fator neste século. O que muda o mundo são as ideias (em bom ou mal sentido) e elas levam ao poder.

Referências

CASTELLS, Manuel. *Entrevista*: 28.ago.2019. Disponível em > https://www.youtube.com/watch?v=Uke2hOXyJiE>. Acesso em 19.out.2020.

Idem. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2018.